



DIAS (Maria Odila da Silva). — *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*. Brasiliana, 34. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1974, 298 p.

O assunto *historiografia brasileira* está na ordem do dia. Se antes não despertava atenção, hoje preocupa estudiosos que lhe dedicam obras, na perspectiva geral ou na das histórias especiais. Há muita repetição nesses trabalhos, pela falta de pesquisa ou de originalidade de visitas, de modo que eles têm certo convencionalismo. Impõe-se, agora, o levantamento, através de monografias, dos historiadores consideráveis. Para ficar no passado, assinala-se a ausência de um livro sobre Martius, Varnhagen, Handelman. O primeiro historiador a fazer síntese feliz foi o inglês Robert Southey, que publicou uma *História do Brasil*, em três volumes, entre 1810 e 1819. Era pouco o que se sabia sobre ele, até o livro da professora Maria Odila da Silva Dias, sob o título bastante literário de *O fardo do homem branco* (tirado de Kipling), que fica bem a historiador que teve o culto da literatura e deixou ampla obra poética.

O estudo se distingue pela investigação e técnica de abordagem. Não é feito de improviso, pois supõe anos de leitura em fontes de difícil acesso. A autora leu tudo quanto Southey publicou, em livros ou revistas, além de manuscritos e de sua vasta correspondência, só em parte divulgada. Para tanto teve que percorrer arquivos britânicos, como o Fitz Park Museum (Keswick), o British Museum, Bristol Central Library, Universidade de Leeds, National Library of Scotland, Edinburgh University Library of Wales, Oxford; ou norte-americanos, como os da Universidade de Yale e da Hispanic Society of America, de Nova York, em busca de originais ou livros raros. Sem

falar, é claro, em investigações no Brasil. Suthey já constituira objeto de outra obra da autora: *O Brasil na historiografia romântica inglesa — Um estudo de afinidades de visão histórica: Robert Southey e Walter Scott* (1967), de temática sutil, em que se busca o que nunca fora objeto de interesse.

Não só aí, na originalidade e pesquisa do livro que se resenha, está o mérito, mas também na elaboração refinada que se dá aos temas. Veja-se o sub-título *Um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre*. O que há não é só a biografia do autor nem o estudo puro e simples de sua *História do Brasil*, mas todo o processo intelectual e ideológico do escritor. Ele pertenceu ao grupo do "lakistas" — residiu principalmente em Keswick na região dos Lagos, norte da Inglaterra —, do fim do século XVIII e começo do XIX, em movimento pré-romântico. Se teve algum êxito, a ponto de ser nomeado poeta oficial, não se satisfazia com a própria obra, e, por sentido crítico, desejo de evasão, melancolia ou outro motivo, refugiou-se na História. Tinha o gosto da pesquisa, das crônicas de viagem, bem como das aventuras romanescas, que encontrava em Walter Scott. Depois dos ardores de entusiasta da Revolução Francesa, tornou-se seu inimigo, como de tudo que era vivo no começo do século, negando o sentido de liberdade e a mudança do mundo com a nova tecnologia que se desenvolve em seu país. Passa a saudosista da vida do campo, da simplicidade em todas as formas; os horrores do industrialismo nascente, com a exploração do trabalhador, da mulher e criança, fazem dele anti-capitalista. Inspira-o sentimento conservador e até reacionário: "os valores do historiador refletem a nostalgia romântica de um mundo perdido" (p. 107).

Intelectualmente ativo, escreve sem parar em defesa do que pensa, empenhando-se em causas como os males da máquina, a subjugação do operário, sistemas penais, feminismo, colônias nos vários pontos do mundo; adere a utopias como a de Robert Owen. Daí ser visto como "precursor da moderna legislação trabalhista e do sindicalismo de Estado dos fabianos (...), do socialismo cristão (...) e de anglicanos de tendência socializante" (p. 14). Supunha missão especial dos intelectuais, que deviam, por seus escritos, apontar os caminhos. Viveu plenamente o que acreditava, com modéstia, pois era escritor profissional, tendo como fonte de renda as resenhas para revistas (p. 27) — em tempos, nesse particular, melhores que hoje, quando ninguém mais vive de resenhas para jornais ou revistas. Participou de movimentos literários com poetas como Coleridge e Wordsworth, dos quais foi amigo: seu poder criador, no entanto, fica muito abaixo, o que lhe valeu críticas severas que o desalentaram, como as de Shelley e Byron, além do pouco apreço dos próprios companheiros. O crítico brasileiro fala na "mediocridade de sua obra poética" (p. 12), acrescentando: apesar de certo talento inovador como poeta, faltava-lhe a imaginação criadora" (p. 34).

Entregando-se à História, escolhe a do Império português: esteve em Portugal em 1796, onde viveu em 1800 e 1801. Teve idéia de morar lá,

mas não se arriscou pelo temor do clima e de doenças, sabendo-se apenas no mundo inglês. E em sua paisagem permaneceu. Em Portugal interessou-se pelo Brasil, começando a colher manuscritos, informações e livros, a estudar tudo. O tio e amigo, que lá estava, continuou a mandar-lhe obras e documentos, como depois leria, corrigindo, seus originais. Da história do Brasil passaria à do Império português, o que não conseguiu, pois a empresa saiu maior do que pensava: três tomos que consumiram largo tempo. O certo é que trabalhou muito: "a prolixidade quase impar que caracteriza a sua obra, infundável coleção de volume e volumes, notas e manuscritos, deve-se em parte às necessidades de sobrevivência" (p. 36). O que mais tempo lhe tomou foi a *História do Brasil*, com a qual pouco obteve de lucro — se é que houve algum. Sabe-se que "o manuscrito era inteiramente reescrito pelo menos duas ou três vezes", depois enviado ao tio que corrigia e até aumentava, mais tarde revisto pelo amigo e colaborador John Rickmann (p. 226).

Desenvolvendo sua matéria, Maria Odila, depois da Introdução, estuda em doze capítulos a Missão do intelectual; O refúgio do poeta; História e teoria civilizadora; Novos rumos do passado: Revolução Industrial e tradicionalismo agrário; Messianismo cultural e política colonial; Catequese e ideologia de influência; Extinção do tráfico e da escravidão; Portugal e as guerras peninsulares; "Commonwealth" e Império informal: as perspectivas de emancipação política do Brasil; Missão reformadora dos ingleses e formação da comunidade nacional; História do Brasil: estilo e conceituação; Nexo social e Estado-nação. Como se vê, dez capítulos de natureza geral, que tomam 224 páginas, e dois capítulos sobre a *História do Brasil*, em 71 páginas. É que nos primeiros se trata da ideologia do autor, seu modo de ver esses temas. Com interesse e mesmo fascínio o leitor acompanha o que o inquieto Southey pensava de todos os assuntos, revelando-se saudosista, homem que se volta para o passado. É um inglês, patriota inglês, que acredita em missão de seu povo, superior aos outros e ao qual cabe o destino do mundo, para sua redenção. Entretanto, não é racista, não se deixa levar pelo determinismo étnico e geográfico, que tanta importância teria no seu século. O modo de ver é eminentemente romântico.

Autor atraído por tudo, deixou-se cair vítima de algumas curiosas contradições. Protestante, fala em superstições católicas e faz críticas ao culto, mas por vezes proclama suas virtudes (p. 152,4). Censura o português por falta de iniciativas e depois o louva por não ter seguido a industrialização (p. 176). É contra o tráfico, escreve muito a respeito, mas chega a querer supressão gradual ou mesmo a admiti-lo (p. 169-71); tem atitude dúbia com as emancipações americanas, pelo entusiasmo com a rebeldia ibérica contra Napoleão (p. 194-5). Sempre contra a indústria do seu país, a favor de um patriarcalismo agrário, acredita "na influência promissora do monopólio industrial dos ingleses nos trópicos" (p. 225). São ambiguidades que se encontram em sua biografia e em seus escritos. A autora fala mais de uma

vez nessas hesitações. Que podem ser entendidas em quem produziu tanto e era personalidade mórbida.

Os dois capítulos finais — os mais longos — é que tratam da *História do Brasil*. Revela-se aí o historiador extraordinário, que sem conhecer o país, apenas de leitura de milhares de documentos e livros, soube ter sentido do processo de sua formação. O que é mais digno de nota é que ainda não se escrevera livro com o plano e as dimensões do seu: apesar de ser o primeiro, contem admiráveis apreensões da realidade, como a escravidão, a mestiçagem, o problema do trabalho e devassamento do território, usos, costumes, idéias. Seus preconceitos de protestante, inglês e reacionário não impediram obra inteligente e rica de abordagens, que só seriam percebidas muito depois. A *História*, mais que cronologia e descrição — ele as amava, à maneira de Walter Scott, como romântico —, é interpretação, entendimento do sentido profundo de país que não era o seu e que nunca vira.

Parece-nos que esses dois capítulos são os menos interessantes. Através deles é possível entender a obra de Southey, mas o certo é que deviam ser maior desenvolvidos, como deviam também confrontar a ideologia do poeta, esmiuçada nos capítulos anteriores, com a realidade brasileira, como é que seu pensamento condicionou a visão que teve do país (afinal, foi em função do livro que o estudo dos dez capítulos foi feito). É trabalho só parcialmente realizado. Outra reserva é certa *secura* na exposição: a autora supõe que todo leitor conhece seu personagem, o que evidentemente não se verifica. Daria vigor ao volume um capítulo biográfico ou bio-bibliográfico, ou, para fugir ao convencionalismo, um apêndice com tábua cronológica da vida e da obra do escritor. Outro dado que nos parece faltar é o que Southey pensou do Brasil depois da publicação de sua obra. Se a concluiu em 1819 e morreu em 1843, o que terá dito em cartas ou artigos sobre a nação brasileira, ele que temia sua fragmentação, os movimentos revolucionários que poderiam fazer-la dominada por negros ou que julgava impossível a monarquia? Há pouco do gênero no livro, como a passagem que comenta, em carta ao tio a Independência de 1822 (p. 191), ou as cartas de 1826 e 27, sobre o Prata e as crises de D. Pedro I (p. 222 e 223).

Por último, nota interessante é destacar que Maria Odila não se mostra admiradora de quem escolheu como tema no presente livro e em monografia anterior. Trata-o com frieza, faz-lhe reservas sérias. Estuda-o quase como coisa, como um cientista a matéria que experimenta. É visível que não compartilha sua ideologia conservadora, tem outro universo de valores. O que não foi impedimento para que o analisasse e recriasse com lucidez. E com o máximo de minúcia, em pesquisa que nada deixou de lado, em trabalho exemplar de consciência científica, distante da improvisação. As duas obras sobre o poeta historiador, os ensaios *Aspectos da Ilustração no Brasil* (1968) e *A interiorização da Metrópole* (1972), a edição do *Diário de Guerra do Paraguai* de André Rebouças (1973) e alguns estudos menores fazem de

Maria Odila da Silva Dias um dos nomes ponderáveis da jovem historiografia brasileira.

*FRANCISCO IGLÉSIAS.*

